

A VIVÊNCIA DO LAZER SOB UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA: O CASO DO MUNICÍPIO DE MONTES CLAROS/MG*

Recebido em: 17/08/2009

Aceito em: 02/02/2010

*Laurindo Mékie Pereira*¹

*Luciano Pereira da Silva*²

Universidade Estadual de Montes Claros
Montes Claros – MG – Brasil

RESUMO: Este artigo analisa as vivências de lazer no município norte - mineiro de Montes Claros. O recorte temporal é a segunda metade do século XX, período no qual todo o país, bem como o município, passou por importantes transformações econômicas, culturais e demográficas que, evidentemente, provocaram mudanças também no setor lazer. O objetivo principal é compreender, em uma perspectiva histórica, as especificidades deste processo em Montes Claros/MG.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades de Lazer. História. Montes Claros.

THE PRACTICE OF LEISURE IN A HISTORICAL PERSPECTIVE: THE CASE OF MONTES CLAROS/MG

ABSTRACT: This article analyses the practices of leisure in the city of Montes Claros. The period of time is the second part of 20th Century, when the country and the city passed by important economic, cultural and demographic changes that, obviously, resulted in changes in the leisure too. The principal aim is to understand, in a historical vision, the particularity of this process in Montes Claros/MG.

KEYWORDS: Leisure Activities. History. Montes Claros.

¹ Doutor em História pela USP, docente do Departamento de História da Universidade Estadual de Montes Claros, pesquisador do Laboratório de Estudos e Pesquisa do Lazer - LUDENS.

² Doutorando em Educação pela UFMG, docente do Departamento de Educação Física e Desporto da Universidade Estadual de Montes Claros, pesquisador do Laboratório de Estudos e Pesquisa do Lazer - LUDENS.

Introdução

As transformações sociais impõem uma nova dinâmica de vida, sobretudo nas grandes cidades. Fenômenos como a fragmentação dos direitos trabalhistas, a intensificação do trabalho, a explosão da violência sem controle, afetam diretamente o modo de vida do cidadão. Neste contexto, intensificam-se as discussões sobre lazer, com destaque para o papel deste fenômeno na melhoria da qualidade de vida das pessoas. Apesar do lazer como necessidade humana sempre ter existido, ele adquire novos contornos a partir do contexto social vivido.

Durante muito tempo, as discussões sobre lazer pautaram-se na dicotomia lazer/trabalho, ou tempo disponível/tempo de obrigação. Nas últimas décadas, novas abordagens surgiram, como a retomada de autores clássicos da sociologia, Norbert Elias e E. Palmer Thompson, por exemplo, e a busca do entendimento do lazer a partir da dimensão do prazer que ele pode proporcionar.³ Apesar da busca de outros parâmetros de análise, pensamos que analisar a vivência do lazer com relação ao trabalho, pois se esta não é a única maneira de se discutir o lazer é, sem dúvida, uma das possibilidades interessantes de se estudar o fenômeno. Além disso, estes novos caminhos metodológicos e teóricos não necessariamente superam outras interpretações, mas podem, sim, fornecer novos modelos de análise para o fenômeno social do lazer.

³BRUHNS, Heloisa Turini (Org.). **Lazer e ciências sociais**. Campinas: Autores Associados, 2002; GEBARA, Ademir. Norbert Elias e a teoria do processo civilizador. In: BRUHNS, Heloisa Turini; GUTIERREZ, Gustavo L. (Org.). **Temas sobre o lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000; GUTIERREZ, Gustavo L. A contribuição da teoria da ação comunicativa para a pesquisa sobre o lazer. In: BRUHNS, Heloisa Turini (Org.). **Lazer e ciências sociais**. Campinas: Autores Associados, 2002; MELO, Vitor Andrade. Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson. **Movimento**, Porto Alegre, v. 7, n. 14, 2001.

Dentro da perspectiva clássica de entendimento do lazer a partir da sua relação com o trabalho, destacam-se as ideias de Dumazedier (1980). Para o autor, o lazer pode ser entendido como o conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade - seja para repouso, diversão, recreação, entretenimento, ou para participação social voluntária, livre capacidade criadora, ou ainda para adquirir informação ou aprimorar formação de maneira desinteressada - após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações.

As mudanças na economia, no mundo do trabalho e, conseqüentemente, no modo de vida das pessoas afetam a concepção que estas possuem do lazer. Segundo Mascarenhas (2005), é difícil pensar no lazer hoje sem levar em conta sua inserção na esfera comercial.

Para o autor:

Se perguntarmos sobre *o que é o lazer*, é comum ainda encontrarmos respostas que o associam à participação e ao desenvolvimento, dentre outras possibilidades que evidenciam seu potencial formativo, mas o fato é que tendencial e predominantemente o que ele constitui mesmo é uma mercadoria cada vez mais esvaziada de qualquer conteúdo verdadeiramente educativo, objeto, coisa, produto ou serviço em sintonia com a lógica hegemônica de desenvolvimento econômico, emprestando aparências e sensações que, *involucralmente*, incitam o frenesi consumista que embala o *capitalismo avançado* (MASCARENHAS, 2005, p. 140).

A sociedade atual possui centralidade no trabalho. As relações sociais, os modos de vida, os desejos pessoais e, por que não dizer, o lazer possuem estreita relação com a vida produtiva, mesmo que, muitas vezes, esta relação provoque perda de sentido nas ações que escapam à lógica da vida laboral. Estudo realizado por Ribeiro, Almeida e Gomes (2006), com idosos asilados apontou a forte presença de um sentimento de inutilidade nesta população devido ao afastamento da vida produtiva. Tal sentimento dificulta e pode até mesmo impedir a plena fruição do tempo livre.

Pensar o lazer a partir ou com relação à vida produtiva força-nos ao importante exercício da reflexão crítica com relação à dinâmica da ocupação do tempo livre. Apesar de esse assunto ser bastante recorrente entre os estudiosos do lazer, ele não se encontra esgotado, tendo em vista as constantes e rápidas transformações nas relações laborais.

O apelo ao lazer salta aos olhos de toda a população. Nas propagandas governamentais que indicam o caminho para a qualidade de vida, nos apelos geralmente via televisão que buscam atrair turistas principalmente a cidades litorâneas, nos anúncios de condomínios com apartamentos à venda, a possibilidade da vivência do lazer ocupa papel de destaque e apresenta-se como o caminho direto para a felicidade e o gozo. A sobrecarga de referências com relação à prática do lazer leva-nos a questionar se isto ocorre porque as pessoas de uma maneira geral atualmente reconhecem a importância desta vivência ou se o modo de vida atual gerou uma maior carência do lazer, configurando tais ações em estratégia natural para atrair a atenção das pessoas que reivindicam este direito.

As transformações econômicas e a conseqüente mudança na formatação urbana afetam diretamente a vivência do lazer e são referenciais importantes para o estudo do tema. Pensar no processo de formação das cidades e nas diversas fases que a atividade econômica atravessou contribui para um melhor entendimento dos processos de lazer, tanto em relação às generalizações que podem existir em um país, por exemplo, como em relação às particularidades históricas de cada região.

Nesse sentido, este artigo procurou analisar as transformações nas vivências de lazer no município norte - mineiro de Montes Claros. Para tanto, baseou-se em estudo realizado por Almeida e Gutierrez (2005) que discutiu as mudanças nas vivências de lazer a partir dos períodos históricos brasileiros e buscou assinalar similaridades e diferenças para

a realidade da localidade em questão. Outra referência utilizada é o estudo de Mascarenhas (2005) que faz uma análise do fenômeno lazer baseado no desenvolvimento histórico do capital.

A vivência do lazer no Brasil sob uma perspectiva histórica

O fenômeno da urbanização propicia nova dinâmica à vivência do lazer. Modificam-se valores, mas modificam-se principalmente as condições de acesso ao lazer. O crescimento desordenado das cidades e a ocupação dos espaços de forma hierárquica proporcionaram acesso diferenciado aos espaços da cidade. Nas médias e grandes cidades, via de regra, a maioria da população ocupa zonas periféricas onde até os serviços tidos como prioritários, como transporte e atendimento de saúde, chegam de maneira insatisfatória.

Muitas das cidades brasileiras possuem parte de sua história bastante semelhante: de pequeno arraial para distrito e à fundação do município, passando pela construção da igreja, do cemitério, dos bairros; normalmente desenvolvem atividades agrárias e comércio de pequeno porte para, enfim, desenvolverem o centro urbano e a industrialização. Com relação à ocupação dos espaços, percebe-se, inicialmente, a ocupação mais ou menos concentrada no local que viria a ser o centro da cidade, independentemente da condição socioeconômica do habitante. Com o crescimento das cidades e a expansão do espaço ocupado, a população (a mais pobre primeiro) vende os terrenos da área central que, muito valorizados, são geralmente ocupados por atividades comerciais. Os ex-moradores do centro da cidade deslocam-se para bairros residenciais com boa estrutura (no caso das camadas privilegiadas), ou para a precária periferia geralmente com forte presença de

construções irregulares (no caso da população pobre). Posteriormente, com a explosão da criminalidade e a expansão de novos espaços para o comércio, como os *shoppings centers*, muitas vezes o centro da cidade passa novamente a ser ocupado como área residencial; mas agora como um local pouco valorizado, com altos índices de criminalidade.⁴

A prática do lazer pode assumir diferentes características a partir do momento histórico vivido. Apesar de cada região do mundo, ou de um mesmo país, poder passar em épocas diferentes por um mesmo período de desenvolvimento, por exemplo, pensar o contexto mais amplo vivido pela sociedade e sua influência na vivência do lazer configura-se como interessante possibilidade de análise.

Nesse sentido, valemo-nos do estudo feito por Marco Aurélio Bettine de Almeida e Gustavo Gutierrez (2005). Com o objetivo de apresentar as mudanças nas práticas de lazer no contexto brasileiro, os autores adotam a clássica divisão da história nacional recente em quatro períodos: **nacional desenvolvimentismo** (1946 a 1964), **período militar** (1964 a 1985), **redemocratização** (1985 a 1990) e **globalização** (1990 até a atualidade).

Contextualmente, os autores apontam o **nacional desenvolvimentismo** como um período marcado pela substituição das importações e pelo populismo político. O desenvolvimento industrial e econômico da época possibilita um maior acesso ao lazer através da produção das artes e da valorização do trabalhador expressa na construção dos clubes-empresa. Segundo Almeida e Gutierrez (2005), vamos encontrar nesta época um lazer típico do início da industrialização, marcado pela passagem do lazer como

⁴SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

manifestação popular e comunitária para o lazer como mercadoria da sociedade de consumo.

Já o **período militar** é marcado pelo crescimento urbano, pela censura e pela repressão policial às práticas de ruas. Tais fatos, acrescidos do desenvolvimento dos meios de comunicação e da indústria cultural, vão provocar diversas transformações nas práticas de lazer. Há o fim do florescimento cultural e do movimento popular e surge a valorização da indústria cultural, que tem a televisão como seu principal representante. Além disso, destaca-se também a utilização política do esporte e lazer, como, por exemplo, o uso das façanhas esportivas como meio de propaganda (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2005). Podemos perceber neste período o início da propagação de um modelo de lazer ainda hegemônico nos dias de hoje e que faz parte do ideário de quase toda a classe média brasileira. Assim, valoriza-se a aquisição de bens de consumo, as viagens familiares de férias e o hábito de comprar e divertir-se em grandes centros comerciais.

Os dois períodos seguintes, a **redemocratização** e a **globalização**, são apontados por Almeida e Gutierrez (2005) como períodos onde há a consolidação da indústria cultural, favorecidas pelas revoluções nas tecnologias de comunicação e nos transportes. Com isso, valorizam-se práticas de lazer comuns a vários países desenvolvidos, apesar da exclusão de parcelas significativas da população do acesso a este importante direito social. No texto analisado, os autores estudados não diferenciam estas duas etapas (redemocratização e globalização) no que diz respeito à vivência do lazer; o destaque dado é na produção teórica da área, assunto não central neste estudo.

Já outro pesquisador, Mascarenhas (2005), analisa o fenômeno lazer nas últimas décadas, época do avanço da globalização e da transformação de quase tudo em

mercadoria. Para o autor, o lazer manifesta-se hoje predominantemente mercantilizado. Se antes a mercadoria era uma exceção no mundo do lazer, hoje é regra quase geral.

Tal processo possui maior evidência no Brasil nos anos 1970, apesar de já poder ser percebido bem antes. Para Mascarenhas (2005), nas primeiras décadas do século XX, com a expansão do mercado de bens e serviços culturais, há o “aburguesamento” da sociedade, influenciado pelo padrão de vida dos centros europeus. Porém, o autor ressalta que é entre os anos 1950 e 1970 que ocorre a edificação de uma economia moderna no Brasil, e é quando o lazer também dá sinais de sua inserção na esfera do comércio.

O processo de transformação do lazer em importante produto a ser comercializado só é possível com a criação de novos hábitos não só nas classes privilegiadas economicamente, mas também em outros setores da população. Nesse sentido, nesta época, de acordo com Mascarenhas (2005, p. 145):

Detecta-se tanto o crescimento quantitativo do consumo já existente, como a criação de novas e variadas necessidades. Para isto, combina-se a abertura de novos mercados em diferentes regiões com a propagação de necessidades já existentes, estimulando segmentos como menor poder de compra a consumirem mercadorias que antes eram somente acessíveis à população com maior renda. Há então um processo de generalização e diferenciação do consumo, quando se incentiva o mimetismo, pelos “de baixo”, dos padrões e estilos de vida dos “superiores” [...].

A análise do lazer baseada nas mudanças econômicas, sobretudo partir da intensificação da globalização, permite uma crítica do fenômeno a partir dos anos 1990, época apontada por Mascarenhas como pautada na lógica da mercadoria. Tal dinâmica vai influenciar todas as regiões brasileiras, porém, possivelmente, com intensidade e marco cronológico não idênticos.

O caso do município de Montes Claros/MG

No caso específico do município de Montes Claros o surgimento da cidade segue o padrão identificado anteriormente. O núcleo urbano nasceu da fazenda dos Montes Claros fundada em 1707 e cresceu tendo a Igreja Católica como centro religioso e social polarizador da comunidade local. O Arraial foi elevado à condição de Vila em 1831, o que lhe assegurava a autonomia político-administrativa. Em 1857 a Vila ganhou o *status* de cidade.

Os grupos dirigentes locais e regionais realizaram diversos esforços tidos como modernizantes ao longo da história, procurando ajustar a cidade aos padrões que vigoravam nos centros urbanos maiores como Belo Horizonte e Rio de Janeiro. A instalação da energia elétrica, por exemplo, deu-se, ainda que com precariedade, em 1917, uma data em que poucas cidades mineiras contavam com este serviço (OLIVEIRA, 1996).

Nos últimos 50 anos, registram-se outros momentos de esforço deliberado de reformas urbanas, podendo-se destacar os casos de 1956-1957, as décadas de 1960-1970 e os anos 1983-1988.

A análise deste período revela algumas especificidades da história da cidade em relação à periodização proposta por Marco Aurélio Bettine de Almeida e Gustavo Gutierrez (2005) para tratar da história do Brasil e das mudanças nas práticas de lazer.

O pensamento e a política desenvolvimentista foram hegemônicos no período de 1945 e 1964 em âmbito nacional. Em alguma medida, todas as regiões do país se viram influenciadas pela tese segundo a qual o desenvolvimento requeria planejamento, agência estatal e investimentos maciços na industrialização (BIELSCHOWSKY, 1996).

O governo Juscelino Kubitschek foi o que mais apostou neste modelo e sintetiza o que foi o desenvolvimentismo e suas faces, especialmente a forte expansão da infraestrutura de transporte e energia e do parque industrial, o despertar de uma grande esperança (BENEVIDES, 2002) em todo o país, o aprofundamento da ordem capitalista monopolista e o conseqüente agravamento das desigualdades sociais (MENDONÇA, 1988).

Em Montes Claros, o evento-símbolo deste período foi a comemoração do centenário da cidade em 1957. O centro da urbe passou por reformas: diversas ruas foram calçadas, pintaram-se fachadas das casas, os pernilongos foram dedetizados e a Sociedade Rural construiu a toque de caixa o Parque de Exposições João Alencar Athayde. A inauguração deste foi programada exatamente para o dia 03 de julho – aniversário da cidade –, ponto alto de uma festa que durou toda a semana (PEREIRA, 2002).

A presença das maiores autoridades da república, incluindo o presidente JK, atraiu a atenção da imprensa estadual e nacional para Montes Claros, cumprindo, assim, um dos propósitos dos festejos que era a construção/divulgação da imagem de uma cidade moderna e “progressista”. Nas palavras do então prefeito Geraldo Athayde: “Rejuvenescida, palpitante de seiva e de vigor, cheia de vida, atinge a cidade de Montes Claros o seu primeiro Centenário” (GAZETA DO NORTE, 1957).

Apesar do espetáculo e dos discursos ufanistas, divulgados especialmente pelo Jornal Gazeta do Norte (1957) e Revista Montes Claros em Foco (1957), Montes Claros e o norte de Minas se beneficiaram pouco das “vacas gordas” dos anos JK. As principais demandas dos grupos dirigentes regionais, como o asfaltamento do acesso a Belo Horizonte e o suprimento efetivo das principais cidades da região com energia elétrica, não foram

atendidos. Ironicamente, estas reivindicações frustradas referiam-se exatamente ao binômio energia e transporte, síntese do desenvolvimentismo.

De qualquer modo, os anos 1950 viram nascer duas tradições na sociedade e cultura regionais significativas para a vivência do lazer no município. A primeira é a exposição agropecuária organizada anualmente⁵ pela Sociedade e Sindicato Rural do município. O evento apresenta várias facetas. Além dos negócios materializados em leilões, por exemplo, durante a exposição as lideranças ruralistas da região realizam seu *lobby* junto às autoridades políticas, entre estas deputados, secretários, governador, ministro da agricultura e mesmo o presidente da República. Trata-se de “um canal aberto a reivindicações políticas junto a autoridades”, como diz a própria Sociedade Rural (SOCIEDADE RURAL DE MONTES CLAROS, 2000).

Do ponto de vista sócio-cultural, esta é a maior festa regional, atraindo dezenas de milhares de pessoas ao parque ao longo de uma semana de exposição, rodeios, vaquejadas e shows musicais. Avaliando os significados do evento, a Sociedade Rural afirma que as exposições:

[...] demonstram a integração do povo de Montes Claros com a festa máxima da região [...]. A batalha para a realização de um certame dessa natureza, justifica-se pelo clima de entusiasmo e otimismo de todo o povo de Montes Claros, que o transforma também na sua grande festa (SOCIEDADE RURAL DE MONTES CLAROS, 2000).

A adesão popular se explicaria, segundo Georgino de Souza Júnior (1996, p. 49), por razões “sócio-antropológicas”:

[...] por meio desses eventos, a comunidade, espontaneamente, revela certa familiaridade com o rural ou com o agrário, inerente da sua própria

⁵ O evento era bienal, tornando-se anual, aproximadamente, nos últimos 15 anos.

formação comunitária. Nesse aspecto, a super-estimação que, coletivamente, se faz do “rural”, resulta da cristalização de valores culturais passados ao longo das gerações ou de laços sociais de convivência e trabalho. Tais observações são possíveis num município como o de Montes Claros, que teve sua origem histórica nos “currais de bois” e sua base econômica, até recentemente, assentada na pecuária extensiva de corte e na agricultura familiar de subsistência.

Esta festa popular de Montes Claros distancia-se bastante das exposições analisadas no estudo de Mascarenhas (2005). Símbolos do moderno, tais eventos antecedem as galerias e as lojas de departamentos, mas já apresentam processos de fetichização relacionados à diversão e ao entretenimento. As exposições universais estavam presentes nos grandes centros que desenvolviam sua estrutura a partir das transformações econômicas, como a criação de linhas férreas e prédios urbanos e a revolução dos costumes pela moda (MASCARENHAS, 2005).

Como uma espécie de cidade simulacro, antecessora tanto dos *shoppings* como dos parques temáticos, as exposições eram empreendimento obrigatório para qualquer cidade que aspirasse ao *status* de metrópole. No Brasil, a primeira urbe a se lançar nesta empreitada foi o Rio de Janeiro, com a Exposição Nacional de 1908. Entretanto, a exposição de maior projeção foi a Exposição Internacional de 1922, realizada em homenagem aos cem anos de independência, na praia do Flamengo, também na então capital do país (MASCARENHAS, 2005, p. 152).

Distante desta lógica, a exposição de Montes Claros, apesar de possuir o mesmo nome, insere-se na lógica de cidades com forte presença de características da zona rural, mesmo porque a industrialização e a modificação do padrão de consumo ocorrem no município apenas a partir dos anos 1960. Ao invés de artigos industrializados e roupas de luxo expostos nas exposições universais que celebravam a modernidade, nas exposições rurais há animais e instrumentos agrícolas para serem vistos e comercializados.

Ao longo dos anos, as exposições em Montes Claros também se transformaram. Insetos em uma sociedade que passava pela industrialização e urbanização, estes eventos incorporaram, também, a divulgação e comercialização de outros bens e serviços, a exemplo de computadores e telefonia fixa e móvel.

A atração exercida sobre a população montesclarensense é facilmente verificável. Nenhum outro evento “fechado” reúne público tão grande como a Expomontes. Com duração média entre 8 e 10 dias, a Expomontes é, simultaneamente, o espaço e o tempo de um variado conjunto de práticas de lazer: no interior do Parque João Alencar Athayde, participa-se e/ou assistem-se vaquejadas e rodeios, utilizam-se de equipamentos mecânicos diversos – os conhecidos “parques de diversões” - frequentam-se “barzinhos” e assistem-se apresentações musicais. Estes são, possivelmente, a indicação mais nítida da penetração de elementos da cultura de massa no evento. Tal fato pode ser exemplificado pela presença, nos dias de hoje, de atrações musicais não locais que têm forte presença na grande mídia.

A segunda herança dos anos 1950 é o clube campestre Pentáurea, idealizado pelo médico e escritor Hermes de Paula, um intelectual orgânico⁶ da elite local. A inauguração se deu em 1958, mas a intenção de Paula era inaugurar o clube exatamente durante as comemorações do centenário da cidade e dos 250 anos de fundação da fazenda Montes Claros (1707). O próprio nome refletia a história, como explica o seu idealizador: “Pentáurea é uma palavra híbrida criada para significar cinco bodas de ouro, ou duzentos e cinquenta anos correspondentes a fundação de Montes Claros, sendo programada a inauguração do clube nas solenidades comemorativas do centenário da cidade” (GAZETA

⁶ Pensado aqui como o organizador, alguém que contribui para que as classes dominantes tenham homogeneidade e se expressem política e economicamente. GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. p. 3.

DO NORTE, 1958, p. 1). Construído pelas elites e para as elites, o clube refletia a intenção destas em reproduzir hábitos das suas congêneres nacionais. Até então a cidade contava apenas com a Praça de Esportes - um equipamento público -, e o Clube dos Ferroviários⁷. Com o Pentáurea, os grandes comerciantes e pecuaristas passam a contar com um espaço exclusivo para seu lazer. A maior expansão dos clubes, porém, seria na década seguinte, já em um contexto de nova maratona modernizadora.

O desenvolvimentismo começou efetivamente no município em 1965, quando a industrialização é estimulada pelos incentivos fiscais da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE (OLIVEIRA, 1996). Um conjunto de fatos tornou 1965 um ano-chave na história do município. Em 1965 ocorreu a Reunião do Conselho Deliberativo da SUDENE em Montes Claros, contando com a participação dos prefeitos da região, do Governador de Minas - José Magalhães Pinto - seis governadores de Estados nordestinos e do Vice-Presidente da República - José Maria Alkmin - (SUDENOR, 1976). Começou, então, a funcionar na cidade um escritório da SUDENE com a finalidade de fazer a interlocução entre as demandas regionais e a sede da Superintendência, localizada em Recife-PE; completou-se a rede de transmissão de energia entre Montes Claros e o sistema de Três Marias e foi inaugurado o Frigorífico Norte de Minas – FRIGONORTE (PEREIRA, 2007).

Neste período, a área central da cidade foi vigorosamente transformada com vistas a prepará-la para a chegada dos grandes investimentos. Os grupos dirigentes queriam fazer da cidade a “capital mineira da SUDENE”. Várias demolições, transferências e

⁷ A Praça de Esportes foi teve sua pedra fundamental lançada em 15 de março de 1939 e sua inauguração em 1941. O Clube dos Ferroviários foi inaugurado em 18 de fevereiro de 1951.

desapropriações foram feitas para “adequar” a estrutura viária da cidade. Construções antigas e com forte significado cultural, religioso e histórico foram abaixo em nome do “progresso” e da “modernidade”: a Igreja do Rosário (1962), antiga sede da Câmara Municipal (1969), casa mais antiga do município (1970) e Mercado Municipal (1971). Simultaneamente às demolições, ocorreram as construções, especialmente entre 1965 e 1969: Praça da Catedral, fonte luminosa da Praça Dr. Chaves, restauração do calçamento das ruas centrais, novo mercado municipal (Rua Cel. Joaquim Costa), reforma do aeroporto, alargamento da avenida Cel. Prates, estação rodoviária e outros (VELOSO, 2002). A remodelagem do espaço urbano obedece à racionalidade e funcionalidade do capital: “É uma imagem que procura direcionar o olhar de quem estaria interessado em fazer dela um lugar dos seus investimentos, já que induz a vê-la naquilo que possui em termos de possibilidades econômicas” (VELOSO, 2002, p. 36).

Tais reformas exercem impacto nas vivências de lazer do município, pois os locais construídos na época ainda hoje são importantes locais de lazer. Porém, o município ainda apresentava uma grande carência de locais para a vivência do lazer, pois esses espaços não são considerados equipamentos de lazer por não terem sido construídos especificamente para este fim. “Podemos enquadrar na categoria geral dos equipamentos de lazer clubes, ginásios, centros culturais, piscinas, bibliotecas, centros esportivos, quadras, teatros, museus, etc., independentemente de serem públicos ou privados.” (PELLEGRIN, 2004, p.69)

A segunda metade da década de 1960 completou a infraestrutura básica para o *boom* industrialista que se verificaria na década seguinte. Em 15 anos, de 1965 a 1980, Montes Claros transitou de uma economia de forte base agropecuária para uma economia que tem

na indústria, comércio e serviços seus segmentos principais. A transformação demográfica também é significativa. A população do município passou de 105.982 pessoas, em 1960, para 177.308, em 1980, sendo crescente também a taxa de urbanização, como se pode ver na (TAB. 1).

TABELA 01
População de Montes Claros – 1940–1980*

	1940 (1)	%	1950 (2)	%	1960 (2)	%	1970 (2)	%	1980 (2)	%
Rural	46.216	75,11	30.424	58,09	62.885	59,33	31.332	26,89	25.427	14,34
Suburbana	7.509	12,21	-	-	-	-	-	-	-	-
Urbana	7.807	12,68	21.943	41,90	43.097	40,66	85.174	73,11	151.881	85,66
Total	61.532	100	*52.367	100	105.982	100	116.486	100	177.308	100

Fonte: 1 - Censo Demográfico de 1940 e Censo Demográfico de 1980.

2 - Anuário Estatístico de Minas Gerais de 1980.

* Já descontadas as populações de Mirabela, emancipada em 1962, e Juramento, emancipado em 1953.

O processo de industrialização, que em grandes centros ocorreu algumas décadas antes, vai influenciar na vivência do lazer. Mascarenhas (2005) aponta que nas primeiras décadas do século XX, em cidades como São Paulo, uma série de ações do poder público visam, pautadas na expansão do mercado de bens e serviços culturais e com o objetivo da inserção da população no modo moderno de vida, disciplinar os hábitos de lazer da população. Nesse sentido, a construção de praças públicas e outros espaços de lazer contribuem para o “amoldamento dos novos divertimentos”, sobretudo das camadas populares formadas em boa parte por trabalhadores das indústrias.⁸ Tal processo, mesmo observado na época da industrialização de Montes Claros, ocorre timidamente no

⁸MARCASSA, Luciana. **A invenção do lazer**: educação, cultura e tempo livre na cidade de São Paulo (1888-1935). 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.

município, sobretudo devido às peculiaridades do processo de industrialização local, que gerou um desenvolvimento urbano precário.

Nesta conjuntura, surgiram os principais clubes da cidade, especialmente aqueles destinados ao lazer das classes de maior renda. Em junho de 1963 foi criado o Max Min Clube por iniciativa de “um grupo de empresários e outras pessoas ativas na sociedade montesclarenses (onde se destacam os Engenheiros Jamil Habib Curi e Mário Souto, e o Doutor Diu Colares, doador da maior parte do terreno)”⁹ O Automóvel Clube, fundado em 1957, foi inaugurado em 31 de dezembro de 1964. Desde então, este é o principal lugar de encontros sociais da elite montesclarenses. Nos dois anos seguintes, foram inaugurados o BNB Clube (22 de fevereiro de 1965), o Country Clube Lagoa da Barra (12 de fevereiro de 1966) e a Associação Atlética Banco do Brasil/AABB (18 de maio de 1966).

Além de refletir a conjuntura social e econômica identificada, a multiplicação dos clubes também mostra a transformação dos costumes. Conforme depoimento de Ruth Tupinambá, quando do surgimento da Praça de Esportes:

[...] as famílias tão preconceituosas e ignorantes não consentiam que os filhos (principalmente as “donzelas”) freqüentassem a Praça de Esportes, achando que certos esportes (principalmente natação) prejudicavam as mulheres perturbando seus órgãos genitais. Também não ficaria bem a moral das moças usando “maiôs”, exibindo o corpo em frente à rapaziada. Algumas mais afoitadas em desobediência total, iam se refrescar na deliciosa água azul da piscina, mesmo assim no horário feminino.¹⁰

Mas, “a família montesclarenses [...] foi se acostumando e soltando suas ‘donzelas’ que se transformaram em verdadeiras ‘sereias’ de piscina”.¹¹

⁹ <http://www.maxmin.com.br/historico.htm>. Acesso em 22 de junho de 2009.

¹⁰ <http://www.mocmg.com.br/mural/default.asp?top=37552>. Acesso em 22 de junho de 2009

¹¹ Idem, 2009.

A criação de clubes em Montes Claros nos anos 1960 apresenta-se parcialmente em sintonia com a abordagem dada por Almeida e Gutierrez (2005) para o período Nacional-desenvolvimentista brasileiro (1946-1964). Para os autores, o período é marcado pela criação dos clubes-empresa e pelo desenvolvimento acelerado da prática de esportes nos clubes. Pode-se afirmar que esta sintonia é parcial, pois os clubes criados em Montes Claros na época direcionam-se, sobretudo, à elite econômica da cidade e não a trabalhadores das grandes indústrias. Estes, vão ser criados em Montes Claros posteriormente nos anos 1970 e 1980.

Outra especificidade diz respeito às implicações da indústria cultural no município por meio da televisão. A influência desta na formação e na difusão de padrões de comportamento demorou, relativamente, a exercer maior impacto em Montes Claros, uma vez que o sinal de televisão só começou a ser captado na cidade a partir de 1970 (LIVIO, 1995). Até mesmo o acesso à energia elétrica era problemático. Em 1980, cerca de 25% da população urbana ainda não era beneficiada com o serviço (VELOSO, 2002).

A chegada tardia da televisão não significa que a cidade estivesse isolada do restante do país. Diversos outros veículos de comunicação atuavam no município, a exemplo dos jornais e revistas impressos e do rádio. Além destes, o “moderno” chegava, também, por outras vias, como por anúncios publicitários presentes nos guias telefônicos que informavam, desde os anos 1960 e 1970, os produtos e estilos mais “atuais” (VELOSO, 2002).

Se no início dos anos 1960 o grande tema da cidade era a industrialização e as perspectivas abertas por ela – que se revelaram em grande parte frustradas, especialmente no que diz respeito à geração de empregos –, na passagem da década de 1970 para 1980, o

crescimento demográfico abrupto e não planejado, a precariedade da infraestrutura de água, esgoto, iluminação e transporte em grande parte dos bairros e a expansão das favelas tornaram-se objetos de preocupação crescente das autoridades políticas e da imprensa. Possivelmente, um dos enfoques mais incisivos do quadro social na cidade de Montes Claros daquela época tenha sido dado pela *Revista Montes Claros em Foco* (1979). Em uma longa matéria sobre o espaço urbano e rural a reportagem diz que “um distrito de Montes Claros parece cópia um do outro. Vencida a estrada poeirenta, o visitante vai encontrar, em cada um, pequeno número de casas, geralmente de adobe e com rachaduras” (p. 20) vivendo em meio à pobreza, à falta de assistência médica, à subnutrição e a doenças diversas e ação de políticos “paraquedistas”. As fotos que compõem a reportagem trazem rostos desiludidos, gente simples, esquelética, acobalhada.

Na cidade, a reportagem desfia um rosário de problemas:

Formigas (antigo nome de Montes Claros até 1857) [...] prosperou demais, transformando-se na problemática Montes Claros, uma cidade que cresce “inchando”[...] mercê de uma infra-estrutura deficiente.

[...]

O único curso d’água permanente que atravessa a cidade, o Rio Vieira, asfixiado por não realizar a autodepuração, pode ser considerado morto no presente.

Serras e grutas vão abaixo – “É ICM, sinal de progresso,. E de mais a mais, o Brasil precisa de cimento”. Muitos tentam justificar dessa forma a destruição de monumentos naturais que traduzem belezas cênicas. Assim, a Fábrica de Cimento Montes Claros – Matsulfur – continua em sua marcha célere, devorando serras para produzir cimento para o Brasil, profanando a paisagem, como se tudo fosse válido em nome do progresso.

[...]

O verde virou carvão – a cobertura verde do município de Montes Claros é pouco mais de um zero, depois de tantos anos alimentando fornos de carvoaria.

Buracos, lama e poeira – [...] a cidade sofre convulsões orgânicas terríveis – males que decorrem do seu crescimento abrupto e desordenado [...] (REVISTA MONTES CLAROS EM FOCO, 1979, p. 24-42).

A reportagem segue com uma lista infundável de “distorções”: saneamento básico precário, energia elétrica inexistente em grande número de bairros, transporte urbano caro e ineficiente, serviços públicos de saúde e previdência morosos, trânsito caótico, crescente favelização e um sem-número de doenças infestando a população.

Em uma conjuntura como esta, o lazer estava longe de ser uma prioridade entre as demandas da população. A carência de uma infraestrutura urbana básica, a precariedade dos serviços públicos elementares e o baixo nível de renda de grande parte dos moradores operavam, seguramente, como obstáculos materiais à prática do lazer.

Esta “problemática” Montes Claros, para usar o termo do repórter, passaria por outro projeto “racionalizador” e “modernizante” na década de 1980. Era o Programa Cidade Porte Médio, iniciativa do Governo Federal que visava melhoramentos urbanos em cidades médias que deveriam funcionar como barreiras à migração das pessoas em direção às regiões metropolitanas. Os investimentos se concentraram na construção de casa própria, legalização de posses e construção de uma infraestrutura mínima nas áreas periféricas. Além disso, parte da população das favelas foi transferida para o conjunto habitacional Tabajara (proximidades do bairro Renascença). Os recursos eram do Banco Interamericano de Reconstrução e Desenvolvimento – BIRD (70%), Governo de Minas Gerais (20%) e Prefeitura Municipal (10%) (LEITE, 2006).

Todavia, observa Leite (2006, p. 3), o alcance deste programa foi limitado porque “[...] o crescimento urbano dessa cidade é constante, além de ser regulado por interesses das classes detentoras de poder e capital, o que agrava ainda mais o contraste social em Montes Claros.” Uma das características marcantes da transformação do espaço urbano montesclarensense é a especulação imobiliária que contribuiu para a formação de um cinturão

de favelas no município e a razão de existência de extensos vazios urbanos ao longo da cidade (LEITE, 2006; VELOSO, 2002).

Se a expansão dos clubes reflete mudanças nos hábitos de lazer das elites, a população de baixa renda, especialmente os setores instalados nos bairros periféricos, desenvolveu suas peculiares práticas culturais e de lazer. A exploração a que estavam sujeitos como trabalhadores assalariados ou subempregados e a quase inexistência de equipamentos de lazer, embora fossem restrições graves, não aniquilaram a criatividade popular e não impediram que estes grupos fruissem do seu tempo livre. Conforme Veloso (2002), este era utilizado pelas famílias pobres em passeios ao parque municipal, visitas a circo, piqueniques, “pelada” de futebol nos campos de terra, bailes de associação de bairro, “barraquinhas”, leilões, festas de batizado, casamento e aniversário. Como já registrado antes, a televisão parece ainda pouco difundida, estando ausente da lista de principais atividades de lazer apresentada pela autora.

Entre as práticas de lazer popular, a autora destaca as festas, porque nestas, diferentemente de outras atividades, todos os membros da família estão presentes e, por conseguinte, é mais cheia de significados. Exemplo maior disso é a Folia de Reis, tradição trazida pelos migrantes da zona rural e retomada no âmbito dos bairros pobres de Montes Claros. Por meio desta festa, os migrantes mantinham “vivo o vínculo com o passado rural, possibilitando recriar, fortalecer o sentimento de identidade e os laços de solidariedade dos grupos” (VELOSO, 2002, p. 170). Naturalmente, os festejos no espaço urbano passaram por modificações. Se na “roça” eles se relacionam fortemente com as estações e o calendário agrícola, na cidade passam a ser a celebração das histórias vividas em comum, espaço de fortalecimento de identidade e de rememoração do passado e sociabilidade

(VELOSO, 2002). Enfim, no período estudado por Veloso, 1960-1980, a Folia de Reis, com maior força no Bairro Santos Reis e adjacências, “ajudava estas pessoas a defenderem as suas identidades ameaçadas pela submersão no caldeirão da cidade” (p. 170).

A sobrevivência destas práticas deu-se paralelamente a outras “novidades” a exemplo da televisão que se expandiu consideravelmente nos anos 1980 e dos clubes para os trabalhadores. Nas décadas 1970 e 1980 surgiram os clubes do SESC e do Sesiminas. O primeiro foi inaugurado em 04 de novembro de 1972 e completou uma segunda etapa de obras, agora incluindo a infraestrutura de esportes em 1978. O segundo, de caráter mais popular e explicitamente voltado aos trabalhadores, foi inaugurado em 27 de outubro de 1987.

Apesar dos clubes para trabalhadores e da expansão da TV, nota-se como há um desencontro entre a experiência histórica de Montes Claros e a cronologia proposta por Gutierrez e Almeida. A presença desta forte cultura popular até os anos 1980 (e mesmo atualmente) revela como a transformação e a mercantilização do lazer, iniciada no tempo do nacional-desenvolvimentismo e acelerada pela Ditadura, mesmo estando presente em Montes Claros, esbarra na persistência de práticas culturais não controladas apenas pela lógica do capital.

Outro fenômeno relacionado ao lazer típico das últimas décadas e que também se desenvolveu tardiamente em Montes Claros foi o hábito de frequentar *shoppings centers*. Quem quisesse se divertir dessa forma antes dos anos 1990 teria que se deslocar para Belo

Horizonte porque o primeiro *shopping* da cidade foi inaugurado em 1997 e o segundo em 2009.¹²

De acordo com Mascarenhas (2005, p. 149), o avanço da capacidade produtiva no Brasil foi acompanhado por significativas mudanças no sistema de comercialização, “trazendo consigo duas grandes novidades, o supermercado e o *shopping center*, este último, inovando ao extremo o recurso da *compra vivenciada* ou *compra divertida*, começando a fazer da *saída ao shopping* um prazeroso e prestigiado hábito de lazer”. No município de Montes Claros, porém, diferentemente de outras regiões, tal hábito só atinge parcela significativa da população a partir dos anos 2000.

Atualmente, a população de Montes Claros possui limitadas possibilidades de vivências de lazer. Tal fato é explicado por problemas de infraestrutura (em parte resultantes de como se deu historicamente o crescimento da cidade, como discutido anteriormente) e por fenômenos que se intensificaram nas últimas décadas, como a violência. Pesquisa realizada por Souza Neto *et al.* (2010) aponta que 35,6% da população urbana do município não praticam as atividades de lazer que gostariam por dificuldade de acesso e 56,5% afirmam que a violência dificulta a vivência de lazer no bairro. Já Silva *et al.* (2010) apontam que 24,2% da população do município afirmam que não existe nenhum equipamento de lazer no bairro onde moram.

Conclusão

¹² Respectivamente Montes Claros *Shopping Center* e *Shopping Ibituruna*.

Os estudos do lazer sob uma perspectiva histórica são uma interessante opção de investigação, pois permitem a discussão crítica das mudanças sociais oriundas dos processos de urbanização e das ações governamentais que buscam o desenvolvimento.

A trajetória retratada sobre a construção e o desenvolvimento do município de Montes Claros com ênfase nos equipamentos e nas práticas de lazer demonstra que, em parte, o município segue uma tendência mais ampla, refletindo nas práticas sociais elementos apontados por Almeida e Gutierrez quando da utilização da já clássica divisão de nossa história em quatro fases. Entretanto, percebem-se também particularidades que dão uma dinâmica própria às transformações das vivências de lazer na localidade. Algumas destas particularidades são regionais, como as mudanças na estrutura social advindas da inserção da região como área de atuação da SUDENE, já outras são específicas do município, como a preservação de hábitos da cultura popular apesar da grande penetração dos valores da indústria cultural.

As transformações sociais oriundas das mudanças econômicas mundiais e da valorização de determinados padrões de comportamento, como a “modernização” do modo de vida nas primeiras décadas do século XX, sobretudo nos grandes centros, exercem impacto diferenciado em várias regiões. Nesse sentido, Montes Claros apresentou tardiamente alguns dos impactos da transformação do lazer em mercadoria. Exemplo disso é o hábito de frequentar *shopping center*, só vislumbrada na cidade com força a partir dos anos 2000.

Se a transformação do lazer em mercadoria está diretamente relacionada ao processo de industrialização e a criação de novos hábitos de consumo, o município também apresenta especificidades importantes por ter tido um desenvolvimento industrial tardio e

com contribuição limitada para o desenvolvimento social da região, caracterizado, como foi abordado anteriormente, pela baixa geração de empregos.

A conjuntura histórica do desenvolvimento de Montes Claros somada ao agravamento dos problemas urbanos, como a violência e a falta de ação do poder público, foram responsáveis em grande parte pelas dificuldades enfrentadas pela população da cidade atualmente na vivência do lazer.

Por fim, cabe ainda ressaltar a relevância de estudos deste tipo para o resgate e a preservação da história dos municípios brasileiros, tendo em vista a diversidade que as mais variadas regiões do país apresentam.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luiz. O lazer no Brasil: do nacional-desenvolvimentismo à globalização. **Conexões**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 36-57, 2005.

BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. O governo Kubitscheck: a esperança como fator de desenvolvimento. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **O Brasil de JK**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRUHNS, Heloisa Turini (Org.). **Lazer e ciências sociais**. Campinas: Autores Associados, 2002.

DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

GAZETA DO NORTE. Montes Claros, 12 jan. 1958.

GAZETA DO NORTE. Montes Claros, 3 jul. 1957

GEBARA, Ademir. Nobert Elias e a teoria do processo civilizador. In: BRUHNS, Heloisa Turini; GUTIERREZ, Gustavo L. (Org.). **Temas sobre o lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. p. 3.

GUTIERREZ, Gustavo L. A contribuição da teoria da ação comunicativa para a pesquisa sobre o lazer. In: BRUHNS, Heloisa Turini (Org.). **Lazer e ciências sociais**. Campinas: Autores Associados, 2002.

LEITE, Marcos Esdras. **Geoprocessamento aplicado ao estudo do espaço urbano**: o caso da cidade Montes Claros /MG. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia.

LÍVIO, Haroldo. **Nelson Vianna**: o personagem (Matéria de Jornal). Belo Horizonte: Cuatiara, 1995. p. 163.

MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio**: teses acerca da anatomia do 2005. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MELO, Vitor Andrade. Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson. **Movimento**, Porto Alegre, v. 7, n. 14, 2001.

MENDONÇA, Sônia Regina de. **Estado e economia no Brasil**: opções de desenvolvimento. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. **O processo de desenvolvimento de Montes Claros (MG) sob a orientação da SUDENE (1960–1980)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

PELLEGRIN, A. De. Equipamentos de lazer. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 69-72.

PEREIRA, Laurindo Mékie. **A cidade do favor**: Montes Claros em meados do século XX. Montes Claros: Unimontes, 2002.

_____. **Em nome da região, a serviço do capital**: o regionalismo político norte-mineiro. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, FFLCH, São Paulo, 2007.

RETRATO DA PRAÇA DE ESPORTES. Depoimento de Ruth Tupinambá Graça. Disponível em: <http://www.mocmg.com.br/mural/default.asp?top=37552>. Acesso em: 22 jun. 2009.

REVISTA MONTES CLAROS EM FOCO. Montes Claros, ago 1979, n.36, p. 20.

REVISTA MONTES CLAROS EM FOCO. Montes Claros, julho de 1957, n. 4.

RIBEIRO, Simone M.; ALMEIDA, Flavio S.; GOMES, Noélia A. O idoso institucionalizado e a vivência da exclusão social. **Revista Multidisciplinar das Faculdades Integradas Pitágoras**, Montes Claros, n. 3, p. 24-32, Out. 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SILVA, Luciano Pereira da *et al.* Lazer, política e espaços públicos na perspectiva da população. In. PEREIRA, Laurindo Mékie; SILVA, Luciano Pereira (Org.) **Políticas e vivências de lazer na cidade: o caso de Montes Claros/MG**. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2010.

SOCIEDADE RURAL DE MONTES CLAROS. **Sociedade Rural**. Montes Claros: 2000.

SOUZA JÚNIOR, Georgino Jorge de. **Sociedade Rural de Montes Claros: conseqüências do processo de centralização administrativa nas estruturas do poder local**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 1996.

SOUZA NETO, Georgino Jorge *et al.* A prática do lazer na cidade: a percepção da população. In. PEREIRA, Laurindo Mékie; SILVA, Luciano Pereira (Orgs.) **Políticas e vivências de lazer na cidade: o caso de Montes Claros/MG**. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2010.

SUDENOR. **Área Mineira da SUDENE** – Conceituação de área. Belo Horizonte: Governo de Minas Gerais/Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral, Dezembro de 1976.

VELOSO, Cândida Maria Santos. **Outros modos de viver: pobreza urbana em Montes Claros – 1960–1980**. Dissertação (Mestrado em História) – FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

Endereço dos Autores:

Luciano Pereira da Silva
Rua Carmínio de Abreu, 371, apto 302
Morada do Sol – Montes Claros - MG
CEP.: 39.403-226
Endereço Eletrônico: lpereira45@hotmail.com